



MAUS E O USO DE UMA HQ NO ENSINO

Gabriel Goes Silva¹

Jemerson Quirino Almeida²

RESUMO

À luz do enorme sucesso alcançado pelas HQs – Histórias em quadrinhos – reflexões começaram a surgir dentro do ambiente da academia brasileira, normalmente pautadas na característica única das HQs, enquanto veículo midiático: a sua junção da comunicação verbal com a não verbal, trabalhada numa gama de gêneros, da aventura policial ao romance histórico. Com o avanço do meio, surgiram “categorias”, com estilos próprios de HQs, como a categoria chamada de “graphic novel”, em que narrativas de cunho ou direcionamento adulto são encontradas. É o caso do objeto de estudo, a HQ Maus: A história de um sobrevivente, obra escrita por Arthur Spiegelman, a partir dos relatos orais que seu pai, Vladek, lhe deu, sobre seus anos de vida durante a Segunda Guerra Mundial. O objetivo deste projeto é refletir sobre as possibilidades educacionais, para o ensino de História, do uso da graphic novel em questão, sob a ótica de que toda criação humana é registro histórico, como pensado por Marc Bloch. Este artigo foi realizado por meio de revisão de leitura, com pesquisas em artigos, livros e outras obras que versam sobre os seguintes temas: Segunda Guerra Mundial, educação e ensino de História.

Palavras-chave: Educação. História. Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

Based on the huge success achieved by comic books - comics - reflections began to emerge within the Brazilian academy environment, usually based on the unique characteristic of comic books, as a media vehicle: their junction of verbal and nonverbal communication, worked in a wide range. of genres, from the police adventure to the historical novel. With the advancement of the middle, "categories" emerged, with their own comic book styles, such as the category called "graphic novel", in which narratives of adult nature or direction are found. This is the case of the object of study, the comic book Maus: The Story of a Survivor, written by Arthur Spiegelman, from the oral accounts that his father, Vladek, gave him about his years of life during World War II. The aim of this project is to reflect on the educational possibilities, for the teaching of history, of the use of the graphic novel in question, from the perspective that all human creation is a historical record, as thought by Marc Bloch. This article was conducted through reading review, with research on articles, books and other works that deal with the following themes: World War II, education and teaching of history.

Keywords: Education. History. World War II.

¹ Graduado em História, pelo Centro Universitário de Jales – UNIJALES

² Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, e docente do Centro Universitário de Jales – UNIJALES



INTRODUÇÃO

Maus: A história de um sobrevivente tem seu início com Arthur perdendo uma corrida de patins com seus amigos, e entrando em prantos por estes não o terem esperado para continuar a brincadeira.

Já na segunda página, quando o pequeno Arthur encontra com seu pai, Vladek, e este o questiona do motivo do choro, temos a primeira oportunidade de refletir sobre a profundidade presente em *Maus*, com a resposta que lemos.

O começo da HQ é tão corrido quanto foi o deste artigo. Numa miríade de sensações, somos apresentados a uma realidade esteticamente diferente, mas vivida e lembrada a poucas décadas atrás.

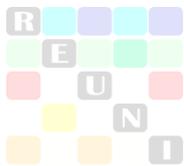
Maus, do alemão “ratos”, aborda o holocausto e o movimento antissemita. É uma HQ de autoria de Arthur Spiegelman – sim, aquele dos patins – a partir dos relatos que seu pai, Vladek Spiegelman lhe concede sobre seus anos de perseguido, por carregar, na alma, a estrela de Davi.

Continuando a introdução baseando-nos pela imagem, observamos a principal peculiaridade de nosso objeto de estudo: o uso de animais no lugar de humanos, um recurso estilístico de narrativa chamado de antropomorfismo.

Durante praticamente todas as páginas da HQ, temos animais em papéis originalmente ocupados por seres humanos. A escolha dos animais baseia-se num critério pessoal do autor, mas podemos abstrair da dicotomia de predador e presa a escolha pelos judeus serem representados como ratos, e os alemães enquanto seus algozes felinos: os gatos.

Encontramos também sapos como os franceses, cães – talvez de guarda – como os estadunidenses, porcos como poloneses não judeus, todos enriquecendo a narrativa e dando uma curiosa capacidade de expressão para a aventura.

Além desta principal característica, outras mostram-se aos nossos olhos, tais como a ausência de cores aliada ao traço simples e o caráter bibliográfico que a obra carrega, pois ao lermos as quase 300 páginas do gibi, estamos conhecendo a história de vida de Vladek, sob a ótica de seu filho.



Tendo em voga a óbvia historicidade de *Maus*, o objetivo deste artigo é debater as conclusões alcançadas com o desenvolvimento do projeto ao longo do ano de 2019, em que analisamos as possibilidades educacionais do gibi para o ensino de História.

1. *Maus*: recurso educacional no período contemporâneo?

O primeiro objetivo traçado foi o de analisar a utilização de gibis como recurso educacional frente as correntes históricas contemporâneas. Respondendo a esta indagação: o aspecto a ser levado em conta em nosso caso é sempre a presença de historicidade no objeto de estudo.

Agora, iniciaremos uma rápida busca por esta característica em *Maus*.

Utilizando o projeto de iniciação científica que desenvolvemos ao longo do ano de 2018, tendo resultado em um artigo intitulado *Entre ratos e gatos, Maus faz sangrar História*, respaldaremos isso.

Nos aproximando do século XIX, e do seu conceito de historicidade ou documento histórico, podemos ler: “Logo, os positivistas franceses tinham dos documentos uma perspectiva de valorizar somente os escritos e vindos de organizações políticas ou burocráticas.” (SILVA, p.5, 2018)

Com esta rápida definição entendemos que a escola francesa metódica – dita positivista - compreendia em seu seio uma visão muito restrita daquilo que poderia ser considerado como documento histórico, pautada em oficialidade.

A perspectiva sobre a história se altera no século XX, contando agora com novas definições. O movimento também francês da Escola dos Annales encarrega-se de visualizar a historicidade em mais formas que os seus anteriores contemporâneos:

A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele. (BLOCH, p.79, 2001)

Retornando ao artigo, encontramos:

Outra questão apontada no escrito que se direciona para os metódicos é a ação de problematizar as fontes. Enquanto o movimento historiográfico de Monod indicava tão somente a reunião e catalogação das fontes, para alcançar a “verdade” do



acontecimento, Marc defende a atuação do historiador interpretando o que tem em mãos. (SILVA, p. 7, 2018)

Assim sendo, existe uma transição visível na concepção dominante de História, que torna possível novos debates, discussões e pesquisas, pois, entre outros fatores, alarga grandemente a documentação considerada agora como de valor para os estudos históricos, assim como para o ensino da História.

A expansão das correntes históricas se alastra pelo ocidente: sobre a aplicação de quadrinhos nos EUA para fins pedagógicos:

As primeiras revistas de quadrinhos de caráter educacional publicadas nos Estados Unidos, tais como *True Comics*, *Real Life Comics* e *Real Fact Comics*, editadas durante a década de 1940 [...] Na segunda metade daquela mesma década, a editora Educational Comics dedicava-se à publicação de histórias em quadrinhos religiosas e de fundo moral, como *Picture Stories from the Bible*, *Picture Stories from American History*, *Picture Stories from World History* e *Picture Stories from Science*. (RAMA, VERGUEIRO, p.17, 2006)

O trecho nos mostra usos na realidade estadunidense para as HQs, ainda antes da metade do século passado. Tal qual lemos, nas “histórias de imagens”, temas como religião e patriotismo eram abordados, em HQ voltadas para aventuras da Bíblia, acontecimentos da história da ciência, do mundo, e, da própria nação estadunidense.

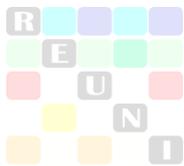
Tendo em tese o velho continente europeu, o uso de gibis para fins escolares “possibilitando um processo de aprendizado mais agradável aos leitores, acentuou-se durante a década de 1970”. (p.19, 2006)

Nos voltando para o caso brasileiro, podemos nos servir do escrito por Selva Guimaraens Fonseca, na sua obra *Caminhos da História Ensinada*:

O ensino temático como proposta alternativa ao ensino tradicional de História e experiência utilizando diferentes linguagens e recursos de ensino, tais como música, literatura, filmes, TV, histórias em quadrinhos e outros documentos. (p.86, 1993)

Selva se refere a uma mudança ocorrida por volta dos anos 80, quando várias discussões sobre o ensino de História são feitas no Brasil, com base nos novos ares de mais liberdade advindos da proximidade do fim do regime militar, buscando o rompimento da concepção pedagógica reprodutora e maiores possibilidades de reflexão.

Como prova desse avanço, citamos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, em que é possível encontrar no texto uma indicação para o uso de linguagens contemporâneas para auxiliar no ensino.



De maneira mais concreta nos anos de 1997 e 1998 tivemos, com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a indicação indireta do uso das HQs em diferentes disciplinas, contando com suas características. Na edição posterior dos PCNs, em 2000, tivemos novamente a indicação do uso dos gibis, em disciplinas como Língua Portuguesa, Artes e História.

No caso da disciplina História, ainda no PCN do ano 2000, podemos encontrar:

A investigação histórica passou a considerar a importância da utilização de outras fontes documentais, além da escrita, aperfeiçoando métodos de interpretação que abrangem os vários registros produzidos. A comunicação entre os homens, além de escrita, é oral, gestual, sonora e pictórica. (PCN, 2000)

Temos aí uma evidente demonstração da atual aceitação do uso de outras mídias no ensino de História, entre as quais podemos incluir a aplicação de HQs. Na página seguinte temos:

Na transposição do conhecimento histórico para o nível médio, é de fundamental importância o desenvolvimento de competências ligadas à leitura, análise, contextualização e interpretação das diversas fontes e testemunhos das épocas passadas – e também do presente. (PCN, 2000)

Agora observamos inclusive a citação de um nível escolar em que os gibis poderiam ser usados, o do ensino médio, com mais uma citação da busca pela diversidade de fontes e testemunhos.

Outra obra de historicidade evidente é a iniciativa de Lilia Moritz Schwartz. Lançada em 1982, pela Editora Brasiliense, *Da colônia ao Império: Um Brasil pra inglês ver e latifundiário nenhum botar defeito* é uma HQ que apresenta um panorama geral dos acontecimentos que levaram da chegada dos portugueses – da colônia – até o momento da independência – ao império – de maneira rápida e com doses de humor.

No ano seguinte, em 1983, tivemos a continuação direta, que veio pelas páginas de *Cai o Império: República vou ver!*, ainda com a teoria nas mãos de Schwartz, e a arte das páginas agora sob responsabilidade do cartunista Angeli.

Ambas as obras, produzidas e publicadas na década de 1980, trazem consigo uma orientação histórica não mais totalmente correspondida pela historiografia contemporânea, o que pode significar a necessidade de o professor intervir nas interpretações. Mas o valor das obras para o ensino é inegável.



A charge deste trecho é simbólica por inúmeras razões. Em primeiro momento, ela serve para demonstrar a entonação das duas obras, que em todo seu desenvolvimento prezam pela agilidade e elaboração de análises sobre os eventos ocorridos. Num segundo momento, ela toca numa ferida ainda aberta da sociedade brasileira. Ela também representa o que buscamos aqui: seu caráter educacional nato.

Com a utilização de escritos versando sobre as correntes históricas e suas definições, aliados aos resultados concretos da visão educacional contemporânea conforme divulgado em documentos oficiais do Ministério da Educação no Brasil, podemos concluir que existe respaldo para gibis, no geral, e *Maus* especificamente, serem considerados como recurso pedagógico.

2. *Maus* na sala de aula?

A próxima discussão baseia-se na questão prática acerca da inclusão de *Maus* na sala de aula. Como, diretamente, essa inclusão poderia ser feita?

Do começo ao fim da produção de Spiegelman, temos várias temáticas trabalhadas. Segunda Guerra Mundial, antissemitismo e nazismo são as principais, mas não se limitam a estas. A todo instante reflexões são induzidas pelo hábil quadrinista.

Em aulas com o tema da Segunda Guerra, as páginas de Arthur serviriam para demonstrar como o conflito alterou a vida das pessoas comuns, separando famílias, por conta de sua grandiosidade.

Conforme observamos na imagem, Vladek é convocado para o exército polonês enquanto sua esposa e filho vão para outra região do país em busca de paz, alterando imensamente a rotina de todos.

Páginas após, vemos a política alemã de alocação de judeus em guetos sendo representada: mais um demonstrativo da mudança provocada pelo conflito na vida de Vladek e sua família. Antes abastados e residentes numa mansão, agora são reunidos em uma pequena casa no subúrbio.

Na próxima página temos toda a barbárie cometida contra os judeus representada na contundente arte de Spiegelman.



A capacidade ilustrativa de *Maus* é enorme. Seu potencial para “tornar visível” e mais concreto aspectos da História é de um valor inestimável e pode resultar numa apreensão de conhecimento muito grande pelos alunos.

Uma sugestão é utilizar o gibi conjuntamente com outro material, que seja o livro didático ou ainda ou material auxiliar, de modo a comparar as explicações gerais com as características específicas de nosso objeto de estudo, enriquecendo a consciência histórica dos estudantes.

Desta maneira, ao conteúdo geral sobre a Segunda Guerra pode ser adicionado o conteúdo específico graficamente representado na HQ. Tal qual o movimento antissemita – numa aula de nazifascismo alemão – pode ter à sua explicação generalizante uma somatória feita a partir dos relatos de Vladek.

Existem mapas em *Maus*. Estes, assim como outros registros geográficos de lugares, poderiam ser abordados de maneira a estudar os avanços e retrocessos das fronteiras das nações envolvidas na Segunda Guerra, tal qual a Polônia, na qual parte considerável da história se desenrola.

Isso seria útil para a construção do entendimento de que o conflito mundial dos anos 1940 foi fator de modelação das fronteiras europeias.

Citando novamente o livro *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*:

Além disso, uma história em quadrinhos pode mostrar um mesmo fato narrado do ponto de vista de diferentes personagens, o que pode contribuir para que os alunos compreendam mais facilmente a existência de diferentes versões da História, assim como a subjetividade presente nela. (RAMA, VERGUEIRO, p.107, 2006)

Para a compreensão da subjetividade presente em todos nós, sujeitos históricos que se unem ou mantêm-se individuais, poderia ser utilizada a incoerência que presenciamos nas últimas páginas da HQ, nas quais Vladek é preconceituoso com uma pessoa negra, se referindo a ela como “pessoa de cor”, e ainda a ofensa em hebraico “shvartser”, que é usada para se referir a negros.

Afinal, mesmo após o sofrimento ao qual foi exposto, Vladek não hesita em fazer se mover a roda cíclica do racismo. Esta poderia ser uma questão para os estudantes debaterem e refletirem.



O tratamento dado aos judeus nos campos de concentração é fartamente representado. Essas representações feitas pelo lápis de Arthur são extremamente úteis para a compreensão de aspectos da vida social da comunidade judaica naqueles tristes anos de opressão.

As trocas feitas entre os judeus prisioneiros, os momentos de banho, o cenário da enfermaria, e principalmente a violência a qual eram expostos.

Para finalizar, o trabalho com quadrinhos em sala de aula requer procedimentos, os quais visam interpretar a HQ – seja a nossa ou qualquer outra – como documento histórico.

Exemplos de questões:

- A) Quem é (são) o(s) autor(es)?
- B) Quando e onde foi produzida?
- C) Por quem fala?
- D) A quem se destina?
- E) Qual sua finalidade?

Tais perguntas feitas aos estudantes promovem de imediato a necessidade da tomada da HQ como objeto de atenção e análise. Num segundo instante, essa pequena série de perguntas possibilita uma enorme série de reflexões sobre o documento que os alunos têm em mãos, tornando possível que eles pensem sobre o que consomem diariamente, porque o fazem, e sobre quais influências foram feitos.

Concluindo, acreditamos ter conseguido enumerar diversas maneiras de se trabalhar com *Maus* ou objetos semelhantes em sala de aula. Reiteramos que mesmo com o caráter aparentemente inovador, inserir HQs não é de maneira alguma uma fórmula milagrosa que resultará de imediato em aulas impecáveis. Assim como qualquer outra coisa, trabalhar com um gibi requer preparo e estudo com antecipação, para se alcançar todas as possibilidades.

3. Antropomorfismo e educação?

Visualmente, nossa HQ chama a atenção pelo fato de serem – em quase toda ela – animais ao invés de humanos sofrendo e fazendo sofrer, preservando ou ceifando vidas. Imediatamente, o principal aspecto a ser percebido em *Maus* é este: o uso do antropomorfismo.



Esse gancho nos leva para nosso terceiro e último eixo de discussão: analisar o uso do antropomorfismo na obra, de um ponto de vista pedagógico.

Tal qual as fábulas que nos são apresentadas durante a infância, o gibi que analisamos usa animais onde deveriam estar pessoas por uma série de motivos implícitos, auxiliares no objetivo de transmitir uma mensagem.

Uma fábula, diz Nelly Coelho, “é a narrativa de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade.” (2000, p.165).

Arthur age da mesma maneira, mas com o diferencial de que não há uma indicação direta de qual moralidade *Maus* quer transmitir, mas sim um encaminhamento para reflexões pessoais.

Tanto em fábulas quanto em nosso objeto de estudo, animais são usados pelo duplo motivo de causar imediata estranheza e chamar atenção de quem lê. A estranheza causada vem sempre acompanhado do pensamento interno que questiona a possibilidade de animais fazerem ou terem as atitudes que ali são descritas.

Ora, gatos (alemães nazistas) não colocam ratos (judeus) em campos de concentração, raspam seus cabelos ou os humilham verbal e psicologicamente. Mas são seus naturais caçadores. São seus naturais predadores, e pensando nessa convenção social – mas não somente nela – de que gatos estão em constante conflito com ratos, Arthur habilmente insere as duas raças animais em sua história.

O clássico autor de quadrinhos Will Eisner escreve em sua obra igualmente importante *Narrativas Gráficas sobre o atavismo presente no uso de animais*:

Ao imaginar atores, é importante entender por que o uso de tipos comumente aceitos que podem despertar uma resposta reflexiva no expectador. Eu acredito que os humanos modernos ainda retêm instintos desenvolvidos quando eram primitivos. É possível que o reconhecimento de uma pessoa perigosa ou resposta a postura ameaçadoras sejam resíduos de uma existência primitiva. Talvez, numa existência anterior com a vida animal, as pessoas tenham aprendido quais posturas e configurações faciais eram ameaçadoras ou amigáveis. Era importante para a sobrevivência reconhecer instantaneamente quais animais eram perigosos. (1996, p.24)

À esta opinião de Eisner adicionamos a nossa: a clássica rivalidade entre felinos e cães que é considerada natural pode ser ilustrativa da visão de mundo presente nos judeus dos anos



de extermínio, que permanece em Vladek e Arthur. Era natural que os judeus fossem odiados, aos olhos da própria comunidade judaica e alemã dos anos de nazismo. Não nos esqueçamos do apoio popular as medidas nazistas.

Dando prosseguimento a sua linha de raciocínio, Will Eisner chega à conclusão de seu pensamento, que é:

Na narrativa gráfica, existe pouco espaço para se desenvolver o personagem. O uso desses estereótipos baseados em animais acelera o entendimento da trama por parte do leitor e consegue para o narrador que as ações dos seus personagens sejam aceitas. (1996, 24)

Em outra perspectiva, a escolha dos ratos acontece pela propaganda nazista que veiculava os judeus como pragas, bactérias ou ratos, que trariam, metaforicamente, a praga das doenças de espírito para a sociedade alemã que naquele momento buscava retomar a essência nórdica e mística do “folk” alemão.

Ao utilizar dessas duas artimanhas – a dicotomia ratos e gatos e a referência a uma própria classificação nazista – Arthur faz poesia após o Holocausto, como num primeiro momento Adorno disse ser bárbaro:

A crítica cultural encontra-se diante do último estágio da dialética entre cultura e barbárie: escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas. (ADORNO, 1998, p.26)

Posteriormente, o próprio filósofo complementaria sua frase proclamando que após os campos de concentração, a arte deveria consigo mesma. É isso que *Maus* alcança quando utiliza o antropomorfismo. Entre várias tensões, Arthur espiritualmente supera os algozes malignos e assassinos de seu povo, ajudando a ruir o edifício do antissemitismo utilizando contra ele a própria argamassa feita na sua construção.

Entre uma miríade de mensagens implícitas e simultaneamente nenhuma exata, a escolha de animais causa estranheza, faz refletir, pressiona e acusa ao mesmo tempo em que acalenta uma humanidade traumatizada e ferida, fazendo uso do argumento que antes era espada contra um povo e hoje é, de certo modo, um escudo baseado na superação do mal realizado.

Arthur supera a construção simbólica nazista, fazendo todos que tem contato com sua obra pensar.

O recurso pedagógico presente nos cachorros (estadunidenses), alces (suecos), porcos (poloneses não judeus), gatos e ratos é preciso, a partir da perspectiva de um documento feito



com o objetivo de tocar numa ferida aberta do ocidente contemporâneo; sendo também impreciso, pois encaminha para reflexões pessoais, não as indicando diretamente.

4. Conclusão

O desenvolvimento deste artigo visou responder à uma principal pergunta: uma HQ, no caso Maus, poderia ser usada no ensino de História? Acreditando que sim, outras perguntas foram feitas, para legitimar a resposta da primeira questão.

Perguntamo-nos o porquê de nosso objeto de estudo poder ser usado como recurso pedagógico, e encontramos a resposta no fato dele estar repleto de historicidade, em convergência com as propostas educacionais contemporâneas em vigor no Brasil.

Depois indagamos como poderia ser este uso em sala de aula. Para isso defendemos o uso comparativo de *Maus* em adição a outros materiais, como o livro didático, trabalhando temas encontrados nas páginas de nosso objeto analisado, de maneira específica, com os mesmos temas apresentados em outro material – que seja ou não o livro – de maneira mais geral.

Por último, refletimos sobre a escolha de animais ao invés de humanos, pontuando os possíveis motivos de Arthur para isso, entendendo sua escolha como uma maneira de superar a tragédia a qual sente o peso em sua vida passando uma série de mensagens que precisam ser pensadas por cada indivíduo, pois carregam um caráter pessoal brilhante.

Finalizando o artigo, acreditamos ter alcançado todos os objetivos propostos, contribuindo para responder satisfatoriamente a primeira questão. Entendemos que sim, *Maus: A história de um sobrevivente*, enquanto HQ pode ser utilizada como recurso pedagógico para o ensino de História.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. **Crítica cultural e sociedade**. En: *Prismas*. Trad.: Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001;

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais. (PCNs)**. História. Ensino médio. Brasília: MEC/SEF, 2000.



COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 1996

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História ensinada**. Campinas: Papyrus, 1993.

RAMA, Angela. VERGUEIRO, Valdomiro (orgs.) **Como Usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHWARTZ, Lilia Moritz. **Da colônia ao Império: Um Brasil pra inglês ver e latifundiário nenhum botar defeito**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

SCHWARTZ, Lilia Moritz. **Cai o Império: República vou ver!** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SILVA, Gabriel Goes. **Entre ratos e gatos, Maus faz sangrar História**. Disponível em: <<https://reuni.unijales.edu.br/edicoes/14/edicao-completa.pdf>>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

SPIEGELMAN, Art. **Maus: A história de um sobrevivente**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987;

_____. **Maus: A história de um sobrevivente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005;